



JOÃO MARTINS

Hospital de Angra do Heroísmo

### Ser Otorrinolaringologista numa Região Ultraperiférica

O Arquipélago do Açores, localizado no Oceano Atlântico a meio caminho entre a Europa e a América, é uma das Regiões classificadas pela Comunidade Económica Europeia como ultraperiférica, beneficiando de um estatuto especial por estar, por definição, de ultraperiferia “afastado do centro”. Este reconhecimento geoestratégico configura uma ideia de isolamento e das consequentes implicações que esta situação acarreta.

Constituído por nove ilhas, os Açores, têm uma população residente de 246.772 habitantes. A descontinuidade territorial inerente à sua situação arquipelágica, o seu afastamento do continente português e as frequentes condições de adversidade climática e imprevisibilidade sísmica, fazem deste território português um caso ímpar no que respeita ao seu sistema de prestação de cuidados de saúde.

O Serviço Regional de Saúde dos Açores (SRS) é composto por três hospitais : o Hospital do Divino Espírito Santo, na Ilha de S. Miguel (HDES), com competências que o permite situar num hospital de nível terciário e uma zona de influência de aproximadamente 143.408 habitantes ; o Hospital de Santo Espírito da Ilha Terceira (HSEIT), com um perfil de nível secundário/distrital de valências básicas e intermédias e uma população alvo de cerca 69.999 habitantes e o Hospital da Horta (HH), com características de nível primário (secundário em algumas valências) e servindo uma população de cerca de 33.365 habitantes. Os Cuidados de Saúde Primários estão na dependência de 17 Centros de Saúde, geridos por nove Unidades de Saúde de Ilha.

O Hospital de Santo Espírito da Ilha Terceira (HSEIT), situa-se na cidade de Angra do Heroísmo classificada pela UNESCO como Património Mundial da Humanidade desde 1981, foi fundado em 1492, na época dos Descobrimientos Portugueses, tendo sido criado com o

propósito de apoiar os tripulantes que regressavam nas caravelas vindas de África, Brasil e da Índia, contando já com 529 anos de História, o que o torna um dos mais antigos do País. Também por esta razão de antiguidade, entre outras, a tradição médica por estas bandas, remonta a tão longínquo passado, sendo vários os médicos portugueses que por aqui trabalharam e deixaram a sua inequívoca marca de qualidade e reconhecimento entre os seus pares, tanto a nível regional com nacional.

O Dr. José Henrique Rocha Lourenço, distinto Açoriano e Angrense, assegurou sozinho durante décadas os cuidados de Otorrinolaringologia para além de outras especialidades, para as ilhas dos Grupos Central e Ocidental dos Açores, o mesmo acontecendo com o Dr. Almeida Lima outro distinto Açoriano e Micaelense, para as ilhas do grupo Oriental dos Açores, sendo dois honrosos exemplos de cidadania, profissionalismo e dedicação ao próximo. Estes dois vultos da Otorrinolaringologia Açoriana e Nacional, pelas suas competências técnico-científicas, pelas suas qualidades humanas, espírito de missão e altruísmo que sempre demonstraram, constituem o exemplo do que é ser Médico e do modo como se pode e deve exercer esta especialidade nas mais variadas e difíceis circunstâncias. Dotaram os seus Serviços com os meios assistenciais da especialidade possíveis, enquadrados com a realidade arquipelágica dos Açores, contribuindo de forma relevante para a formação de uma geração de Otorrinolaringologistas Açorianos, na qual, com muito orgulho me incluo. Para eles aqui fica o meu agradecimento e reconhecida homenagem pelo seu trabalho.

Pessoalmente, viver e trabalhar nos Açores, como médico e posteriormente como médico Otorrinolaringologista foi desde sempre uma opção de vida pessoal e profissional, tomada conscientemente no que se refere às vantagens, inconvenientes, desafios e riscos. Faço-o há 39 anos,

tendo já passado em termos profissionais pelos três hospitais da região e dando apoio regular e local, várias vezes por ano, às ilhas de S. Jorge e Graciosa.

Trabalhar em cuidados primários ou diferenciados de Saúde, em qualquer especialidade, não sendo a Otorrinolaringologia exceção, numa região afastada dos grandes centros, rodeada de mar e imprevisíveis intempéries e dificuldades de transportes, frequentemente sem a companhia de qualquer colega, implica uma boa preparação médica de base e uma atitude prática, refletida e calma perante as situações geradoras de maior tensão e que de modo inesperado vão surgir. A via aérea difícil, a traqueotomia de urgência, as epistaxes catastróficas, o corpo estranho invisível, as complicações infecciosas e traumatológicas da nossa Especialidade, ou outras situações urgentes, emergentes ou mesmo não urgentes, mas de difícil resolução, obrigam a procedimentos rápidos e eficazes.

Outro dos aspetos relevantes no exercício da Medicina nos Açores, relaciona-se com a proficiência profissional numa região com poucos habitantes, em que muitas vezes os rácios aconselhados para a prática de determinados atos médicos não existem, mas a necessidade (por várias razões) de os efetuar é determinante. As decisões clínicas, sempre sem prejuízo para o nosso doente, poderão também constituir um desafio ético, conscientes e informados que estamos de outras alternativas, resultantes de técnicas de diagnóstico e terapêuticas mais atualizadas e não disponíveis na nossa instituição, obrigando-nos a reflexões sobre eficácia e eficiência.

No entanto, essas opções implicam frequentemente custos, afastamento do doente do seu ambiente familiar, acompanhantes na deslocação para outro Hospital da Região ou fora dos Açores o que nos obriga a ponderar entre a oferta de que dispomos e as alternativas possíveis.

As dificuldades atrás apresentadas e outras mais que possam existir, não nos impedem, no entanto, de lutar permanentemente pelas melhores alternativas para os nossos doentes, tentando não os afastar do seu ambiente e simultaneamente proporcionar-lhes respostas clínicas adequadas e atualizadas.

Assim acontece com a implementação de novas técnicas cirúrgicas, nas áreas dos dispositivos auditivos implantáveis, cirurgia otológica, cirurgia endoscópica naso sinusal, cirurgia da faringe e laringe e dos mais recentes meios complementares diagnóstico e terapêuticas nas áreas otoneurológica, auditiva, estudo da voz e deglutição e técnicas endoscópicas.

Para que tudo isto se concretize, contamos desde sempre com os apoios inestimáveis, de Colegas e Instituições de Saúde diferenciadas, que sempre se disponibilizaram para receber os nossos doentes, ou se deslocarem periodicamente à nossa Região, para que localmente possam efetuar e transmitir os ensinamentos, do que de melhor se faz ao nível da nossa especialidade. Para todos eles o meu mais sentido reconhecimento e agradecimento.

Em conclusão, ser médico nos Açores, não será muito diferente do que o é em qualquer outra região deste Portugal, desde que a preparação clínica e o desembarço prevaleçam. É no fundo uma vida profissional cheia de desafios e riscos, vantagens e inconvenientes... como em qualquer outro lugar deste Planeta.

João Martins  
Hospital de Angra do Heroísmo